

UNIVATES Centro Universitário

Curso de Educação Física

Desenvolvimento Humano

Prof. Dr. Atos Prinz Falkenbach

Relações do ser humano com a realidade e com a morte¹

“Que seria de nós sem o socorro das coisas que não existem?”

Paul Valéry²

Antes de introduzir-me no tema polêmico e complexo do ser humano e da sua relação com a realidade e com a morte é necessário um parágrafo de reserva científica para que eu possa andar com cautela e ser compreendido em minhas intenções com este ensaio acadêmico.

O tema se propõe, sobretudo, em compreender³ estas relações complexas. Este parágrafo introdutório é explicativo no sentido de que não há o desejo de se desfazer as crenças em um nível pessoal, nem mesmo desvirtuar os conceitos culturais do coletivo, impressos pelo comportamento humano. Menor ainda é o desejo de travar uma discussão teológica e cartesiana sobre o tema. Enfim ressalto que o desejo é de compreender estas relações humanas a partir de um olhar externo, que se apóia em bases antropológicas, sociais e filosóficas sobre o tema.

Com a finalidade de introduzir o tema das relações do ser humano com a realidade e com a morte organizo alguns questionamentos que abrem o caminho para as reflexões que realizo neste ensaio. Primeiramente pode ser oportuno perguntar por que um professor de Educação Física, que tradicionalmente se ocupa das questões da saúde, vem se debruçar sobre o tema da morte? Sem

1 Texto organizado pelo Prof. Dr. Atos Prinz Falkenbach para a disciplina de Desenvolvimento Humano do Curso de Educação Física, 2003.

2 Fonte original do livro “Transparências da eternidade” do Filósofo Rubem Alves.

3 “Compreender” foi sublinhado propositalmente pelo autor. Ganha o sentido de estudar o fenômeno sob suas diferentes óticas, sem a ansiedade pragmática de uma pesquisa.

responder, de imediato passo para o bloco seguinte de indagações que são: como o tema da morte é abordado pela literatura de sua proximidade? O que diferencia o conceito de morte dos animais para o ser humano? Como o ser humano, através dos tempos, veio se deparando com esta realidade humana? Quais os ritos e que repercussões a consciência de um termo final de vida acarretou ao comportamento humano?

Com a finalidade de introduzir minhas motivações para o desenvolvimento desta temática é importante explicar que sou um estudioso do tema desenvolvimento humano. Por muito tempo e, cada vez mais acentuadamente, as teorias da aprendizagem e do desenvolvimento norteiam minhas práticas pedagógicas e são referenciais para a presença da Educação Física em um ambiente educacional. Porém o motivo que me inclinou nesta empreitada deve-se ao conhecimento profundo sobre o que é ser educado humano. Não me restam dúvidas da curiosidade humana em relação ao presente tema que se apresenta como um paradoxo: de um lado mergulhado em mitos alicerçados continuamente no imaginário da história humana e, por outro, reservado e polêmico em suas aparições temáticas mais atuais. O tema abrangente do desenvolvimento humano não pode esquecer as marcas culturais que são impressas nos corpos. Nesse sentido trata-se de um conhecimento do comportamento humano em torno de si mesmo. Fato que contribui para o conhecimento humano do humano.

De acordo com Ariès (2003) o tema da relação humana com a morte e a sua realidade nunca foi deixada ao limbo. A literatura, a antropologia e a filosofia tradicionalmente se ocuparam deste tema em suas incursões reflexivas. Ariès afirma que nem por isso este tema escapou de ser destacado como tímido e de pouca abrangência. Os cientistas calaram-se, como seres humanos que eram humanos, o silêncio da ciência junto ao tema esclarece um pouco a temeridade em aventurar-me nestes umbrais.

Explico que o presente texto é um apanhado de idéias sobre a temática das relações do ser humano e a sua consciência da realidade e, também, da morte. A

consciência que Damásio (2000) assinala como o elo de comunicação entre as imagens internas e as imagens externas é, para Morin (2002), o ambiente fecundador das temeridades e, por conseqüência, fertilizador das organizações ritualísticas e mágicas que ajudam o humano a lidar com aquilo o que lhe é mais difícil: a realidade.

“A realidade é cruel com o ser humano, abandonado na Terra, ignorando seu destino, submetido à morte, não podendo escapar às perdas fatais, aos riscos da fortuna, às penas, servidões, à maldade de ordem propriamente humana, ela ainda é mais cruel quando ele está plenamente consciente e sensível” (Morin, 2002, pg.142).

Morin (2002) continua a analisar que:

“A consciência da morte acompanha o ser humano desde a infância como consciência da destruição absoluta do seu único e precioso tesouro, seu Eu; não menos terrível é a morte dos entes queridos que fazem parte do nosso ser. A realidade então tem características horríveis. O ser humano está entregue à crueldade do mundo” (pg.142).

É nesse sentido que a realidade ganha uma dimensão simbólica e ritualística. O ato do ser humano deparar-se e confrontar-se com a realidade precisa ser ritualizado, em outras palavras, ajudado por linguagens do coletivo que o ajudam a enfrentar e a sustentar-se diante dos confrontos reais (Segalen, 2002).

A morte humana se diferencia da morte na concepção dos animais por distintas características:

- possui um caráter simbólico, exprime uma linguagem;
- comporta uma consciência da morte como um buraco negro onde se aniquila o indivíduo;
- manifesta uma recusa desse desaparecimento que se exprime, desde a pré-história, nos mitos e ritos da sobrevivência do duplo ou no renascimento de um ser novo.

O comportamento humano diante da morte organizou-se sob distintas

formas de linguagem, todas elas com a função de atenuar o horror humano à morte:

- a) os neandertalenses faziam o morto acompanhar-se das suas armas e de comidas;
- b) os sapiens arcaicos colocavam o morto em posição fetal como se devesse renascer;
- c) na idade média a morte súbita pouco existia e era sempre anunciada. Em um período em que as doenças um pouco graves eram fatais, o espaço entre a vida e a morte deveria prever o arrependimento;
- d) a decomposição do morto levou ser humano a adotar uma infinidade de atitudes diante desta situação: esquivar-se da decomposição (cremação e endocanibalismo), inibi-la (embalsamar), dissimula-la (sepultamento), afasta-la (levar o corpo para longe);
- e) os gregos criaram a condição de imortalidade para os deuses e, concedida, sob certas condições aos humanos;
- f) as práticas funerárias visam proteger os vivos do contágio com a morte;
- g) originalmente, o período do luto (correspondente ao tempo de duração da decomposição do corpo) objetivava isolar a família do morto com o resto da sociedade;
- h) atualmente os ritos religiosos, as numerosas missas em favor das almas, com a finalidade de permitir-lhes o acesso ao repouso eterno é garantia única do repouso dos vivos.

Os estudos históricos de Ariès contribuem com uma visão atual da relação do ser humano com a morte que veio se diferenciando com a aquisição dos recursos tecnológicos da medicina. O autor ilustra em diversos fatos históricos a morte celebrada em casa, como um acontecimento natural e que favorecia a despedida dos pares mais próximos. A atualidade traz uma realidade diferente,

Ariès (2003) explica:

“Se médicos e enfermeiras atrasam o máximo possível o momento de avisar à família; se lhes repugna ter eventualmente que avisar ao próprio doente, é por medo de serem engajados numa cadeia de reações sentimentais que lhes faria perder, tanto quanto o doente e a família o autocontrole” (pg. 240-241).

A postura diante da morte passa a ser embaraçosa e provoca uma tensão emocional incompatível com a regularidade da vida cotidiana. As cenas de desespero, gritos e lágrimas, são manifestações demasiadamente exaltadas e que ameaçam a serenidade social, independentemente do contexto. Trata-se então de marginalizar a natureza da morte e a esconde-la em tecnologias que abafam possibilidades de manifestações e, mesmo, a convivência dos próximos com ela.

Morin (2002) em um foco que complementa os fatos históricos de Ariès (2003) ressalta que a atitude humana diante da morte se apresenta sob um foco nuclear binário:

- a)** a consciência racional, um trauma mental, originário dessa consciência;
- b)** o surgimento de mitos de uma vida além da morte como forma de aliviar o trauma.

“A morte provoca um tal pavor que ela se nega, desvia-se e supera-se nos mitos em que o indivíduo sobrevive como espectro ou duplo ou renasce como humano ou animal” (Morin, 2002, p.46).

A recusa da morte favorece o surgimento de infindáveis recursos mitológicos com a finalidade do seu abrandamento e alívio psicointelectual. Alimenta os mitos arcaicos da sobrevivência e do renascimento. Surgem grandiosas mitologias que ocultam o problema traumático, mas sem fazê-lo desaparecer.

A consciência e a certeza da morte favorece o surgimento dos seguintes comportamentos humanos:

- a)** trabalha com o espírito humano. A certeza da morte ligada à incerteza da sua hora é uma fonte de angústia para a vida;
- b)** permite o questionamento sobre os mistérios da sua existência,

do seu destino e de suas relações com o mundo;

- c)** favorece o desenvolvimento e a não estagnação na busca de melhorias que ampliam a existência humana;
- d)** permite a abertura do ser humano para o mundo e à relevância incomensurável sobre sua vida e a de seus próximos.

Sem a pretensão de finalizar este pequeno ensaio e o seu apanhado de idéias com fundamentos em estudiosos clássicos do tema, a intenção que me cabe é a de possibilitar o acesso ao conhecimento do desenvolvimento humano naturalizando os seus respectivos fenômenos.

No meu conceito o fenômeno da morte foi o que sempre me foi inacessível. As leituras de Morin e Ariès me possibilitaram melhor clareza em relação ao tema, naturalizando os conceitos mal elaborados e confusos sobre este fenômeno humano. O modo mais simples de encaminhar um ponto final para estas reflexões é o de reconhecer como os conhecimentos sobre os fenômenos humanos e o seu percurso histórico se traduzem em respectivos comportamentos. Como se trata de ensaio inacabado sugestivo, a título de complemento, a leitura abrangente e reflexiva sobre este tema a partir dos textos de Rubem Alves no seu livro *Transparências da eternidade*⁴.

⁴ Vide bibliografia de referência deste ensaio para buscar a fonte completa.

Bibliografia de referência:

ALVES, Rubem. **Transparências da eternidade**. Campinas, SP: Verus, 2002.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**: da idade média aos nossos dias. São Paulo: Ediouro, 2003.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade, a identidade humana. Porto Alegre: Sulina, 2002.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.